

Dossiê da fome no Brasil em 2022

Índice

Fome dobra no Brasil em 7 anos e afeta mais as crianças	1
Brasil, país rico e povo com fome	2
Não há desenvolvimento enquanto houver fome.....	4
Tragédia da fome bolsonarista é uma tragédia feminina	6

Fome dobra no Brasil em 7 anos e afeta mais as crianças

Entre os mais pobres, insegurança alimentar tem nível de países africanos, segundo pesquisa Gallup

Fernando Canzian

Folha de S. Paulo, 25.mai.2022

A insegurança alimentar no Brasil atingiu patamar recorde no final de 2021 e superou, pela primeira vez, a média global. Ela afeta mais mulheres, famílias pobres e pessoas entre 30 e 49 anos, grupos que geralmente têm mais filhos —comprometendo a atual geração de crianças brasileiras.

Segundo pesquisa global Gallup realizada desde 2006 em cerca de 160 países, a taxa de insegurança alimentar na população brasileira dobrou a partir de 2014, ano em que a economia entrou em [recessão no governo Dilma Rousseff \(2011-2016\)](#), e tem registrado crescimento medíocre desde então.

Segundo os dados do Gallup, analisados no Brasil pelo Centro de Políticas Sociais do FGV Social, a taxa saltou de 17% em 2014 para 36% no final de 2021. Pela primeira vez ela superou a média global (35%), aferida a partir de 125 mil questionários aplicados no mundo.

Entre os 20% mais pobres brasileiros, 75% responderam afirmativamente se havia faltado dinheiro para a compra de alimentos nos últimos 12 meses. Entre as mulheres, a taxa chegou a 47%; e a 45% para as pessoas com idades entre 30 e 49 anos —percentuais acima da média global.

"A insegurança alimentar mais elevada nesses segmentos tem efeitos de longo prazo preocupantes por causa do maior número de crianças envolvidas e da desnutrição entre elas", afirma Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

"O que impressiona também é o aumento abissal da desigualdade de insegurança alimentar. Entre os 20% mais pobres no Brasil, o nível é próximo dos países com maiores taxas, como

Zimbábue [80%]. Já os 20% mais ricos experimentaram queda [para 7%], ficando pouco acima da Suécia, país com menos insegurança alimentar."

A pesquisa, do fim de 2021, não chegou a captar a nova disparada dos preços dos alimentos neste ano, sobretudo após o início da [guerra entre Rússia e Ucrânia](#) —grandes produtores de trigo e milho.

Ela também foi realizada num contexto em que a Caixa Econômica Federal pagou, ao longo de sete meses do ano passado, auxílio emergencial a 39,2 milhões de famílias, com valores mensais entre R\$ 150 e R\$ 375. Atualmente, apenas 17,5 milhões de famílias recebem o novo [Auxílio Brasil, de R\\$ 400 mensais](#).

Para Renato Mafuf, coordenador da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), todos os fatores que mantinham os níveis elevados de fome entre os brasileiros até 2020 se agravaram no ano passado; e seguem em deterioração neste ano.

[Pesquisa da Rede Penssan](#) em dezembro de 2020 mostrou que, no total, mais da metade (55%) dos brasileiros sofriam de algum tipo de insegurança alimentar (grave, moderada ou leve).

"O desemprego segue elevado e a renda, em baixa, sobretudo entre os informais. Temos um benefício social [Auxílio Brasil] menor do que em 2020 [quando chegou a R\$ 600 mensais] e uma guerra entre dois grandes produtores de alimentos", diz Maluf.

"Para completar, não há política de governo estruturada contra a fome, só reações voluntaristas, com medidas pontuais, como a redução de tarifas de importação. Não há nenhuma razão para acharmos que as coisas possam melhorar."

Segundo projeções da consultoria MB Associados, a inflação de alimentos neste ano deve chegar a 12%, bem acima do IPCA, contribuindo para agravar o quadro de insegurança alimentar.

"Embora haja alguma desaceleração nos preços de commodities metálicas por conta da perspectiva de desaceleração econômica em Europa, China e Estados Unidos, os preços dos alimentos seguem outra dinâmica, com pressões persistentes e descoladas dos índices de atividade", afirma Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados.

Brasil, país rico e povo com fome

Maria Victoria de Mesquita Benevides

Fábio Konder Comparato

Blog da Comissão Arns de Direitos Humanos, maio de 2022

A cena de gente catando “restos dos ricos” no caminhão de lixo, para matar a fome, é um retrato atroz da desigualdade em nosso país. Sabemos que o Brasil tem uma história trágica

de escravidão, dominação e apropriação dos bens comuns pelos senhores das terras e das águas, das finanças e dos privilégios. Apesar de bravas resistências, ainda estamos bem longe de um padrão aceitável de democracia e república.

A democracia contemporânea exige a soberania popular e o Estado de Direito com o pleno respeito aos direitos humanos, cuja matriz é o direito à vida. Logo, o acesso à saúde e à alimentação adequada é direito fundamental, presente na Constituição. Mas hoje, além da criminosa omissão durante a pandemia, o governo insiste na ficção de que somos o “celeiro do mundo” e o “agro é pop”, enquanto deixa à míngua os miseráveis, os pobres que viraram miseráveis e a classe média que virou pobre. Pobres e famintos.

A **grande secade** 1870 matou cerca de meio milhão de brasileiros e levou a desolação até às melhores áreas agrícolas do Nordeste. Estamos vivendo, em 2021, **a grande fome**, até mesmo nas ricas cidades do Sudeste. Isso, sendo o Brasil o segundo maior exportador de alimentos do mundo!

Somos atingidos pela tempestade perfeita, com o desmonte sistemático e deliberado de políticas sociais, inclusive as básicas de segurança alimentar. Além da crise hídrica e de energia, da destruição ambiental (que enfraquece a agricultura de subsistência), da inflação, do desemprego, da população morando nas ruas e da tensão causada por novas cepas do coronavírus, a fome avança devastadoramente.

[Segundo dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional](#), 19 milhões de brasileiros estão famintos e mais de 100 milhões não sabem se terão o que comer no amanhã de incertezas. Pesquisa recente do DIEESE revela como essa situação se aprofunda, pois os preços da cesta básica continuam aumentando em todo o país, superando a parcela média do tal “Auxílio Brasil” (substituto do Bolsa Família), que não comprará nem metade da cesta atual.

Mãe desempregada, Sandra Maria fala de sua luta diária: “Quando o caminhão passa cedo, dá para pegar coisas boas, pão e mortadela, tá tudo mofado, a gente raspa e come. Tem que desinfetar, mas o gás tá muito caro e com álcool já fui parar no hospital”. Como Dona Sandra, são milhares de “mães solo” o maior contingente das vítimas da fome. São elas que ficam no aguardo de ossos e pelancas. Com sorte conseguem pé e pescoço de galinha. E as que contam com apoio de ONGs, estão nas filas de marmita, “um luxo”, dizem, agradecidas. O consumo de proteína está cada vez mais raro até para famílias de classe média: o preço médio de 1 quilo de carne foi multiplicado por três nos últimos dez anos. E como afirma José Graziano da Silva - ex-diretor da FAO e atual diretor do Instituto Fome Zero – “crianças que passam fome antes dos 5 anos, se sobreviverem, levarão a marca de desnutrição o resto da vida, não terão desenvolvimento intelectual e motor normal. Estamos, portanto, condenando o futuro de milhões de brasileiros”.

O que o governo e a sociedade civil estão esperando para agir imediatamente, antes do colapso previsível, com saques, morticínio e violência de todo tipo contra miseráveis e famintos? Esperamos uma réplica sinistra do “caso Manaus”, exemplo típico de omissão e abandono da população no auge da pandemia? Esperamos a condenação do país por crime contra a humanidade?

Quem tem fome não pode esperar. E não devemos apostar em milagres da eleição em 2022. A hora é agora, de urgência urgentíssima: denunciar a omissão do governo federal e do Congresso, exigir providências relativas a um auxílio emergencial decente para todos que dele precisam (e não apenas para os empregados), mobilizar a sociedade. Os governos estaduais e municipais podem enfrentar a incapacidade e a omissão do principal mandatário

ativando conselhos e Subprefeituras, programas de transferência de renda, enfim, reativando o refrão do poeta negro Solano Trindade: “Tem gente com fome, dá de comer!”.

Isso significa apoio às cooperativas de agricultura familiar, à distribuição de vales alimentação e cestas básicas, à reabertura de restaurantes populares, ao reforço dos Bancos de Alimentação e da merenda nas escolas, aos programas que atendam povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas, a uma especial atenção para as ditas comunidades (favelas e outras) e para os que estão morando nas ruas. Necessário, ainda, o encaminhamento de pessoas que hoje vão aos postos de saúde com diagnóstico óbvio: desnutrição severa.

É evidente que *a grande fome* será apenas mitigada com essas ações urgentes, pontuais e solidárias. Para o enfrentamento de suas causas, diante da desigualdade e da pobreza extrema, são indispensáveis reformas estruturais, econômicas, sociais, políticas e ambientais, enfim, um projeto de desenvolvimento sustentável que inclua a reforma tributária e a reforma agrária, sempre adiadas, além de políticas avançadas de educação e saúde para a imensa maioria dos brasileiros – porque a minoria já as tem.

Todos nós, que contamos com o conforto de três refeições por dia, somos também responsáveis. A mobilização deve abranger, além dos aguerridos movimentos sociais e populares (com destaque para o MST e a CUFA), a imprensa, as igrejas, as universidades, as associações profissionais (OAB, ABI, SBPC, CNBB) e sindicais. Os empresários devem ser chamados à responsabilidade na promoção de empregos, mesmo provisórios, no compromisso de evitar demissões e no combate à alta absurda nos preços de alimentos.

As festas de final de ano estão chegando. Justiça e Paz na terra, solidariedade ativa com comida para todos, agora e sempre, assim seja. (fim)

Não há desenvolvimento enquanto houver fome

Recessão, pandemia e falta de políticas públicas pioram insegurança alimentar no Brasil

Marcia Castro

Folha de S. Paulo, 29.mai.2022

•• A alimentação é um dos direitos sociais previstos na Constituição Federal Brasileira, bem como na Declaração Universal dos Direitos Humanos. No Brasil, [Josué de Castro, em seu livro Geografia da Fome](#) (publicado em 1946), descreveu a fome não como algo natural, mas como um fenômeno social, a cruel expressão da ingerência política e de um histórico de exploração humana e ambiental. Reconhecido internacionalmente por sua incansável luta contra fome, Josué de Castro foi nomeado ao prêmio Nobel da paz em 1953, 1963, 1964 e 1965.

Abordar a fome como fenômeno social era a base do Programa Fome Zero, que foi lançado em 2003 e que continha um conjunto de ações voltadas à promoção da inclusão social, da educação alimentar e nutricional, e da produção e distribuição de alimentos com qualidade, quantidade e regularidade. Após 11 anos do programa, [o Brasil saiu do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas](#) (ONU) em 2014.

Fila se forma no Ceagesp para doação de alimentos para a população - Danilo Verpa - 21.out.2021/Folhapress

A situação piorou com a recessão econômica, e se deteriorou com a chegada da pandemia. A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada entre 2017 e 2018, já mostrava que, em cinco anos, houve um aumento de 42% no número de pessoas que passavam fome. Esse [retrocesso na insegurança alimentar](#) tem geografia e demografia específicas. É maior nas regiões Norte e Nordeste, entre os mais pobres, com menos escolaridade e entre pretos e pardos.

A pandemia de Covid-19 piorou a insegurança alimentar em vários países, porém no Brasil o impacto foi maior. [Dados do Gallup World Poll, analisados pelo FGV Social](#), mostram que 17% das pessoas em 2014 não tinham dinheiro suficiente para comprar alimentos nos últimos 12 meses. Em 2019 eram 30%, e em 2021 chega a 36% (acima da média mundial, fato inédito na série histórica brasileira). Essa piora acelerada é mais uma das muitas consequências da má gestão durante a pandemia, e da falta de políticas sociais que promovam a redução das desigualdades.

Dois grupos populacionais foram [afetados de forma desproporcional](#): os pobres e as mulheres. Entre os 20% mais pobres, 75% não tinham dinheiro suficiente para comprar comida em 2021 (eram 53% em 2019). Esse valor é muito maior do que a média mundial desse grupo populacional (48%). Já entre as mulheres, a insegurança alimentar aumentou 14 pontos percentuais entre 2019 e 2021, enquanto entre os homens houve queda de 1 ponto percentual.

Os efeitos da subalimentação e da [fome](#) são diversos, tais como deterioração das condições de saúde (incluindo saúde mental), morte precoce, fraco desempenho escolar, atraso no desenvolvimento infantil e redução da capacidade produtiva.

Com mais de um terço da população brasileira vivendo à margem da dignidade humana, a falta de ações sociais em larga escala para combater a fome e o corte de alguns programas que ajudam na redução da insegurança alimentar (como por exemplo a [construção de cisternas no semiárido](#)) são inaceitáveis. Ou a atual liderança nunca leu Josué de Castro, ou tem como estratégia de eliminação da pobreza o aniquilamento dos pobres.

A cinco meses das [eleições](#), não há debates sobre a fome no Brasil, e a proposta de Projeto de Nação dos militares é uma vergonha! Preconiza o agronegócio como fator estratégico de segurança alimentar, replica estratégias de exploração da [Amazônia](#) da época da ditadura, e prevê [cobrança no SUS e na educação](#). Ignora a diversidade, a cultura, e as desigualdades.

Como disse Josué de Castro, "Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come." Ou o Brasil muda e passa a priorizar a inclusão social e a [redução das desigualdades](#), ou muita gente vai perder o sono.

Tragédia da fome bolsonarista é uma tragédia feminina

Se uma coisa ruim acontece no mundo, Bolsonaro faz com que seja pior no Brasil

Celso de Rocha Barros

Folha de S. Paulo, 29.mai.2022 às 23h15

●● Na semana passada, foi publicado um estudo da Fundação Getúlio Vargas [sobre insegurança alimentar no final de 2021](#) ao redor do mundo.

A porcentagem de brasileiros que relatou não ter tido dinheiro para alimentar a si mesmo ou a seus familiares em algum momento dos últimos 12 meses [subiu de 30% para 36%](#).

Pela primeira vez desde que a pesquisa é feita, o percentual brasileiro é maior do que a média mundial (35%).

Como se pode imaginar, o problema foi muito pior entre os brasileiros mais pobres. Em 2021, 75% dos cidadãos que compõem os 20% mais pobres da população brasileira [ficaram sem dinheiro para comer ou para alimentar suas famílias](#) em algum momento. Três quartos.

Como notam os pesquisadores da FGV, a proporção de brasileiros a quem faltou dinheiro para comprar comida é próxima da proporção entre os cidadãos do Zimbábue, em que 80% da população relataram ter passado pela mesma aflição.

A tragédia da fome bolsonarista é uma tragédia feminina. A insegurança alimentar masculina, na verdade, caiu um ponto percentual, de 27% para 26%.

Entre as mulheres, a fome cresceu de 33% para 47%. A diferença entre homens e mulheres no Brasil é seis vezes maior do que no resto do mundo. É altamente provável que [fome de mulher seja sinônimo de fome de criança](#).

Segundo o estudo da FGV, durante a pandemia, a proporção de brasileiros que [não teve dinheiro para comer](#) em algum momento em 2021 subiu quatro vezes mais do que a média dos 120 países pesquisados (6 pontos percentuais no Brasil contra 1,5 ponto percentual no mundo).

Em 2019, o Brasil estava em 81º lugar no ranking dos [países com mais insegurança alimentar](#). Em 2021, pulou para 63º.

Isto é, no governo Bolsonaro, já cobrimos um quarto da distância que nos separava do Zimbábue no ranking dos países em que uma proporção maior da população tem dificuldade para conseguir o dinheiro da comida.

Os dados da pesquisa são anteriores aos desastres de 2022, em especial [à guerra da Ucrânia](#). Os pesquisadores da FGV falam, inclusive, de uma ["estagflação da pobreza" em 2022](#).

O termo estagflação é uma combinação de estagnação e inflação. É uma combinação especialmente azarada: em geral, a inflação sobe quando a economia está aquecida e a estagnação econômica derruba os preços.

No momento, tanto inflação quanto desemprego estão altos. Isso dificulta muito a resolução do problema, porque as medidas para corrigir a estagnação trazem risco de inflação, e vice-versa.

Ou seja, vale para a insegurança alimentar o que valeu para o número de mortes na pandemia: se uma coisa ruim acontece no mundo, Bolsonaro faz com que seja pior no Brasil.

Bolsonaro até deu um pouco mais de atenção para o problema da inflação atual do que deu para a pandemia: [reclamou da Petrobras](#). Mas não é empatia, é golpismo.

Se o diesel disparar de preço, Bolsonaro [perderá apoio dos caminhoneiros](#), com quem conta para seu projeto de golpe.

Já a brasileira com fome e seu filho faminto valem, para Bolsonaro, o mesmo que o brasileiro entubado: nada.

A lição é clara: vote para presidente supondo que o (a) eleito (a) pode ser o (a) responsável por conduzir o Brasil durante crises de vida ou morte.

Se tivéssemos feito isso em 2018, não teríamos elegido o palhaço fascista do Superpop.